

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

ESTRESSE OCUPACIONAL E EFEITOS SOBRE A SAÚDE MENTAL ENTRE TRABALHADORES FORMAIS E INFORMAIS DE FEIRA DE SANTANA

Joyce Campodonio Falcão Elias¹; Tânia Maria de Araújo²; Nara Bernardes Pereira³; Cicília Marques Gonçalves⁴

1. Bolsista PROBIC/CNPq, Graduando em Medicina, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: joycecampodonio@hotmail.com

2. Orientador, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: araujo.tania@terra.com.br

3. Bolsista do Núcleo de Epidemiologia, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nara_bernardes@yahoo.com.br

4. Bolsista do Núcleo de Epidemiologia, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: cicilia17@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os transtornos mentais atingem mais de 25% da população mundial, afetando pessoas indiscriminadamente, independentemente de idade, sexo ou grupo social (OMS, 2001). Em estudos de base populacional realizados em países industrializados, por exemplo, sua prevalência variou de 7% a 30% (GOLDBERG & HUXLEY, 1992).

Os chamados transtornos mentais comuns (TMC) correspondem a um grupo de sinais e sintomas associados a alterações do funcionamento mental, sem origem precisa e específica. Compreendem ansiedade, sintomas somáticos e melancolia. Estes sintomas ratificam situação de sofrimento mental, evidenciando-se, atualmente, em diferentes graus de amplitude e frequência, como um dos mais prevalentes problemas de saúde (SANTOS, 2001).

Os sintomas depressivos e ansiosos, por exemplo, são problemas comuns e importantes em termos de saúde pública. A depressão é a segunda causa mais importante de incapacidade nos países desenvolvidos e a quarta nos países em desenvolvimento (LEITÃO; MARI, 2004). Enquanto na depressão predomina o humor triste, na ansiedade prevalece um sentimento difuso de apreensão e medo. No entanto, os custos da assistência médica, o tempo de trabalho perdido e a diminuição da qualidade de vida associam-se de forma clara e consistente a ambas.

A prevalência global de transtornos mentais é crescente e o número de trabalhadores acometidos por agravos mentais também vem crescendo. Segundo a Organização Mundial de Saúde (WHO, 1985), os transtornos mentais acometem aproximadamente 30% dos trabalhadores ocupados.

Os fatores psicossociais têm sido fortemente associados à produção de estresse ocupacional. Para avaliar esses fatores, Karasek elaborou o Modelo Demanda-Controle (Job Strain Model) (KARASEK, 1979). Esse modelo privilegia duas dimensões no ambiente laboral: o controle sobre o trabalho e a demanda psicológica advinda deste. Para avaliar aspectos de risco à saúde, Karasek (1985) elaborou um instrumento metodológico: o Job Content Questionnaire – JCQ (Questionário do Conteúdo do Trabalho), caracterizado como modelo que abrange a estrutura social e psicológica da situação de trabalho, aplicável a todos os tipos de trabalho (Araújo *et al.*, 2003).

Esse estudo objetivou avaliar a associação entre o estresse ocupacional e a saúde mental dos trabalhadores formais e informais de Feira de Santana, Bahia; e, descrever prevalência de transtornos mentais comuns, depressão e ansiedade entre esses trabalhadores.

METODOLOGIA

Realizou-se estudo de corte transversal, incluindo uma amostra de 1.273 trabalhadores, com 15 anos ou mais de idade, da população urbana de Feira de Santana, selecionada por procedimento aleatório.

Utilizou-se o Self Reporting Questionnaire (SRQ-20) para a avaliação de transtornos mentais comuns, uma vez que o mesmo foi desenvolvido pela OMS para triar a morbidade psíquica (MARI, 1986). O JCQ, criado por Karasek, foi utilizado para a avaliação da influência dos aspectos psicossociais do trabalho sobre a saúde dos trabalhadores. O Patient Health Questionnaire (PHQ-8) foi utilizado para avaliação da depressão e o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders IV (DSM-IV) para avaliação da ansiedade.

Os dados foram analisados com uso de Statistical Package for Social Science (SPSS), versão 10.0 for Windows e do Epi Info.

RESULTADOS

Dos 1.273 trabalhadores estudados, 60,2% eram do sexo feminino; 48,4% estavam entre 30 e 49 anos; 53,1% eram casados ou viviam em união estável e 34,8% eram solteiros. Observou-se também que 55,2% referiram ter cor parda; 55,9% possuíam ensino médio/superior e apenas 1,8% nunca foram à escola ou somente lêem e escrevem; e, 71,0% não possuíam carteira de trabalho assinada.

Entre os trabalhadores formais (com carteira de trabalho assinada), 46,0% estavam na faixa etária de 30 a 49 anos, 52,8% referiram ter cor parda e 54,0% eram casados ou viviam em união estável. Já entre os trabalhadores informais, também se observou predominância da faixa etária de 30 a 49 anos (49,5%), da cor parda (54,3%) e de indivíduos casados ou que viviam em união estável (52,9%). No entanto, ressalta-se que no setor informal a relação homem X mulher (1:1,7) foi superior a do setor formal, que se apresentou numa proporção de 1:1. Quanto à escolaridade, notou-se um dado interessante: cerca de 50,0% dos trabalhadores informais possuía ensino médio ou superior, revelando um possível desemprego, por entender que o mercado informal é uma opção para aqueles que perderam seus empregos ou não conseguiram inserção no mercado de trabalho. Como já era esperado, a maior parte (71,3%) dos trabalhadores formais possuía também esse nível de escolaridade.

Quanto ao local de trabalho, para os trabalhadores formais, 68,8% tinham a empresa como local de trabalho, 44,1% recebiam entre um e dois salários mínimos e 54,5% trabalhavam até cinco dias por semana, enquanto que, para os trabalhadores informais, os principais locais foram: na própria casa (27,7%), na casa de outra pessoa (22,8%) e na rua (20,3%); 59,7% recebiam até um salário mínimo e 51,3% trabalhavam acima de cinco dias por semana. Para as variáveis carga horária semanal e turno de trabalho, não se notou diferenças significantes entre esses grupos de trabalhadores.

Quanto aos direitos trabalhistas, notou-se uma disparidade muito grande entre os dois grupos de trabalhadores analisados. Ficou evidenciado que a maior parte daqueles que se encontravam no setor formal tinha direito a férias, 13º salário, 1/3 adicional de férias e folga. No entanto, para os trabalhadores informais, percebeu-se que entre os direitos trabalhistas avaliados, dois foram mais expressivos: férias e folga, embora menos de 50,0% dos trabalhadores nessa condição usufruíssem desses direitos.

Segundo as características de controle (JCQ), entre os trabalhadores formais, apenas 17,5% e 8,5% discordaram que seus trabalhos lhes possibilitavam aprender coisas novas e

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

exigia alto nível de habilidade, respectivamente, enquanto que 22,1% e 16,0% dos trabalhadores informais discordaram. Para os trabalhadores informais, 87,3%, 68,3%, 72,4%, e 69,8% concordaram que o que eles diziam nos seus trabalhos era considerado, que seus trabalhos permitiam que eles tomassem decisões por conta própria, que oportunizavam o desenvolvimento de habilidades especiais e permitiam fazer muitas coisas diferentes. No entanto, uma parcela menor dos trabalhadores formais concordaram com essas questões, principalmente quanto à oportunidade de tomar decisões por conta própria, visto que mais da metade afirmaram discordar dessa possibilidade. Para as características ‘o trabalho envolve muitas atividades repetitivas e requer criatividade’, notou-se maior concordância entre os trabalhadores informais em relação aos formais (80,1% e 84,9% contra 72,6% e 82,4%, respectivamente). Quanto à liberdade para decidir como fazer suas próprias tarefas, observou-se que os trabalhadores formais possuíam menos liberdade do que os informais.

Para as características de demanda (JCQ), entre os trabalhadores formais, 61,8% e 57,3% consideraram seus trabalhos muito duro e, que neles, precisavam omitir suas emoções, respectivamente, enquanto que uma parcela menor dos trabalhadores informais considerou isso (58,6% e 53,3%). No entanto, para as variáveis ‘seu trabalho exige muita rapidez, trabalha durante almoço/pausa, seu trabalho é emocionalmente demandante e envolve muita negociação/conversa’, verificou-se que os trabalhadores informais concordaram em maior proporção que os trabalhadores formais, sobretudo para a variável ‘trabalha durante almoço/pausa (51,0%, 44,5%, 51,6% e 78,2% contra 49,0%, 31,9%, 49,6% e 76,7%, respectivamente). Para as características ‘você não é solicitado a realizar volume excessivo de trabalho e você tem tempo suficiente para realizar suas tarefas’, notou-se maior concordância entre os dois grupos de trabalhadores.

Quanto às dimensões psicossociais do trabalho, os trabalhadores que tinham carteira assinada apresentaram baixo controle sobre o trabalho (56,1%) e baixa demanda (53,6%). Ao contrário, os trabalhadores informais apresentaram alto controle sobre o trabalho (51,7%), no entanto a demanda se caracterizou como baixa (51,3%), assemelhando-se ao primeiro grupo.

A prevalência global de TMC, ansiedade e depressão entre trabalhadores de Feira de Santana foi de 25,4%, 19,0% e 10,9%, respectivamente.

A prevalência dos transtornos mentais, segundo formalidade do trabalho, distribuiu-se da seguinte forma: 15,6% dos trabalhadores formais tinham suspeição para TMC, 6,9% tinham depressão e 15,2% ansiedade; entre os trabalhadores informais, 29,2% tinham suspeição para TMC, 12,3% tinham depressão e 20,4% ansiedade, o que revela um maior sofrimento nesse setor trabalhista.

Ao associar o controle e a demanda com a suspeição de TMC, notaram-se os seguintes resultados para os trabalhadores formais: quem tinha baixo controle e alta demanda tinha 1,68 e 2,54 vezes maior prevalência de TMC do que aquele que realizava suas tarefas com alto controle e com baixa demanda no trabalho. Para os informais, notaram-se também maior prevalência para aqueles com baixo controle (RP = 1,71) e alta demanda (RP = 1,47).

Ao associar o controle e a demanda com a suspeição de Ansiedade, observaram-se os seguintes resultados para os trabalhadores formais: quem tinha baixo controle e alta demanda tinha 1,78 e 2,07 vezes maior prevalência de TMC do que aquele que realizava suas tarefas com alto controle e com baixa demanda no trabalho. Para os informais, observaram-se também maior prevalência para aqueles com baixo controle (RP = 1,37) e alta demanda (RP = 1,86).

Ao associar o controle e a demanda com a suspeição de TMC, notaram-se os seguintes resultados para os trabalhadores formais: quem tinha baixo controle e alta demanda tinha 3,10 e 2,42 vezes maior prevalência de TMC do que aquele que realizava suas tarefas com alto

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

controle e com baixa demanda no trabalho. Para os informais, notaram-se também maior prevalência para aqueles com baixo controle (RP = 2,06) e alta demanda (RP = 2,35).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prevalência de transtornos mentais foi elevada, constituindo-se importante problema de saúde pública na zona urbana de Feira de Santana. Os transtornos afetam jovens e adultos, geralmente mulheres e pessoas com baixos níveis de escolaridade.

O estudo revelou associação entre situação de baixo controle sobre o trabalho e alta demanda psicológica com os transtornos mentais, ratificando a hipótese do modelo de Karasek.

Os instrumentos utilizados, nesse estudo, para rastreamento dos transtornos mentais, a escala de depressão PHQ-8 e o SRQ-20, podem ser usados não apenas como uma ferramenta de vigilância para as estimativas populacionais de prevalências, mas também para o planejamento de intervenções, quando utilizados nos cuidados primários e outras situações clínicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, T. M. *et al.* Trabalho docente e sofrimento psíquico: um estudo entre professores de escolas particulares de Salvador, BA. *Rev Faeeba*, v.20, p.485-95, 2003.
- GOLDBERG, D.; HUXLEY, P. *Common mental disorders: a bio-social model*. London: Tavistock/Routledge, 1992.
- KARASEK, R. A. Job demands, job decision latitude, and mental strain: implications for job redesigning. *Administrative Science Quarterly*, v.24, n.3, p.285-308; 1979.
- KARASEK, R. A. *Job Content Questionnaire and User's Guide*. University of Massachusetts, March, 1985.
- LEITÃO, R. J.; MARI, J.J. Depressão e Ansiedade. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE CLÍNICA MÉDICA (org.). *PROCLIM*. Porto alegre: Artmed/Panamericana, 2004.
- OMS. Organização Mundial de saúde. *Relatório sobre a saúde no mundo: Saúde Mental: Nova concepção, Nova esperança*, 2001.
- SANTOS, G.L.S. *Distúrbios Psíquicos Menores entre adolescentes do bairro George Américo, Feira de Santana: UEFS, 2001. Feira de Santana/Bahia: UEFS, 2001.*
- WHO. World Health Organization. *Expert committee on identification and control of work related diseases*. Geneva, Suíça: Author, 1985.